

LAZER, TRABALHO E SUCESSÃO - A JUVENTUDE EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE VENCESLAU/SP

Patrícia de Lima Silva¹
Luís Antonio Barone²

Introdução

O presente artigo é resultado de reflexões originadas de uma pesquisa sobre as práticas e projetos pedagógicos que ocorrem num assentamento do município de Presidente Venceslau/SP (região conhecida como Pontal do Paranapanema). O prosseguimento desta pesquisa levou a se buscar um foco mais específico sobre a participação social do segmento jovem na estruturação desses territórios reformados.

O município de Presidente Venceslau compõe a 10ª Região Administrativa do Estado de SP, tornada referência da luta pela terra e da política de assentamentos a partir da década de 1990, sendo a região do Estado de São Paulo com maior número de assentamentos rurais. Isto se explica pela existência, nesta região, de mais de um milhão de hectares de terras devolutas griladas (LEITE, 1998; FERNANDES, 1996) e pela presença de movimentos sociais fortemente ativos, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) e o Movimento dos Agricultores Sem-terra (MAST). Nesse sentido, os assentamentos rurais, experiências novas nos espaços rurais brasileiros, têm uma importância ímpar no contexto geográfico da região.

A população jovem moradora nos assentamentos foi o objeto específico de observação, pois segundo as hipóteses levantadas no projeto, ela poderia revelar as tensões advindas das suas expectativas com relação à formação escolar e profissional e as restrições que sua condição pode significar. Deste modo, os

¹ Licenciada em Geografia na FCT/Unesp – Presidente Prudente. Foi bolsista PIBIC-CNPq entre 2005 e 2006.

² Sociólogo, professor doutor no Depto. Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente.

jovens assentados poderão apresentar expressões de conflito, resistência, recusa ou acomodação, conforme apresentado no projeto “Poder Local e Assentamentos Rurais: expressões de conflito, de acomodação e de resistência” (FERRANTE, WHITAKER e BARONE, 2004).

Considerações sobre os estudos que tematizam os jovens dos assentamentos rurais

É relativamente recente a preocupação com a juventude moradora nos P.A.s rurais brasileiros. Observações já realizadas mostram que os jovens assentados conjugam em suas aspirações profissionais, atividades de características urbanas com o desejo de permanecer no assentamento (MACHADO, 1999). Tal situação tem a ver com a diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos e com a falta de perspectiva para aqueles que vivem da agricultura familiar.

Castro (2005) salienta que,

Embora se discuta se o recorte desse objeto [“juventude rural”] deva ser etário, geracional, comportamental e/ou a partir de algum contexto histórico, o ponto de partida, em muitos casos, é uma categoria genérica ou, como define Bourdieu (1989:28), uma categoria “pré-contruída”. Parte-se de formulações que pressupõem um consenso sobre a existência de um “jovem” e de uma “juventude”. Esta perspectiva homogeneiza a categoria na busca de construção de um objeto, de um conceito que possa ser paradigma. Talvez, por isso, a pouca precisão que alterna, nos mesmos textos, termos como: “jovem”, “juvenil”, “juventude”, “adolescente”, etc. Wulff (1995) aponta como a percepção sobre juventude como um momento de transição para o mundo adulto, logo sendo incapaz de produzir uma “cultura” própria, limita “juventude” enquanto objeto de análise. “Juventude” é pouco “levado a sério”, tratando-se “jovens” como “adultos em potencial” (CASTRO, 2005; p. 9-10).

As identidades dos jovens rurais estão permeadas pela forte circulação entre diferentes espaços percebidos como “urbanos” e “rurais” e nas relações de autoridade e hierarquia, tanto na família, quanto nas esferas coletivas de organização do assentamento. Essas identidades, segundo Castro (2005), são construídas a partir das imagens recriadas, no imaginário, desses conflituosos universos. Em “um ‘bricolage’ que configura auto-percepções sempre em movimento, através de um diálogo marcado pelo tempo e no espaço” (CASTRO, 2005: 11). Morar no assentamento e circular em diferentes espaços implica constantes negociações quanto a percepções sobre essas diferentes realidades.

“Por outro lado, a circulação constante por espaços urbanos poderia indicar que a atração pela cidade, tendo como consequência a saída do lote e do assentamento, de fato se constituía como uma tendência” (CASTRO, 2005: 12).

A categoria jovem é construída a partir de diferentes registros. Neste sentido, tanto as relações com o assentamento, ou com as outras áreas rurais do entorno, e o próprio sentido do “sair” e “ficar”, precisam ser compreendidas também a partir das relações internas à família, além de outros espaços “dentro” e “fora” do assentamento. (CASTRO, 2005; p. 14).

Um aspecto importante a ser ressaltado é a formulação dos projetos de vida que os jovens realizam. Carneiro (1998) diz que jovem é aquele que se encontra em uma fase de incongruência entre os projetos idealizados e o que é feito na prática. Os projetos, segundo ela, são capazes de fornecer as impressões de como esses indivíduos se colocam diante desse mundo rural, em transformação, cada vez mais próximo da cidade e como imaginam e ilustram o mundo rural e o urbano que darão sentido a seus projetos.

Há uma oscilação, é verdade, entre o que se espera individualmente e o compromisso com a família. Esse antagonismo aparente revelaria o curso da construção de uma nova identidade que teria como base, de um lado, o enraizamento, a família, o espaço das sociabilidades das “sociedades tradicionais” e, de outro, a elaboração de um projeto de melhoria do padrão de vida. Os jovens,

Cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, vêem sua auto-imagem refletidas no espelho da cultura ‘urbana’, ‘moderna’, que lhes surgem como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem. (CARNEIRO, 1998: p. 68).

Quais imagens então, do mundo rural e urbano, que não só ilustraria e daria sentido a esses projetos, mas que levaria esses jovens a saírem do assentamento e a eles retornarem, pela inviabilidade econômica nas cidades - circunstância que na maioria das vezes é vivenciada pelo jovem que busca alternativas num movimento quase cíclico? A pesquisadora já citada afirma que:

Através do contato com jovens de origem urbana, novos valores são adquiridos, mudando substancialmente o padrão de comportamento dos jovens desta geração que passam a incluir em seus projetos individuais aspirações quanto ao trabalho e ao estilo de vida típicos da juventude de classe média urbana (CARNEIRO, 1998: p. 69).

O que está no imaginário desses jovens é algo imprescindível à análise, e algumas questões podem ser fundamentais para se entender os projetos elaborados pela população jovem moradora de assentamentos. Dentre elas: como os assentados vêem os jovens citadinos e por consequência a cidade? Qual é a imagem recriada por eles? E qual o reflexo disso?

Carneiro (1998) coloca ainda que os projetos individuais expressam a ambigüidade característica da situação de convivência entre dois universos culturais. Trazendo isso para o contexto empírico, das observações e conversas com jovens, o reenraizamento e a convivência com as diferentes gerações interferem menos nas escolhas dos jovens. Isso se deve ao declínio e vazio experimentado pelo assentamento estudado (P.A. Primavera – Presidente Venceslau/SP) que revela a impossibilidade de desenvolvimento nos moldes da agricultura familiar tradicional e a revelação de um “sujeito oculto” que, estruturalmente envolvido no capitalismo rentista, põe seu lote para arrendar ou aquele que o vende - prática ilegal nos Assentamentos de Reforma Agrária. (MARTINS, 2003).

O tamanho do lote também parece influenciar nas aspirações e projetos do jovem rural. Os filhos crescem e a família passa a ser polinucleada, os filhos constroem suas próprias casas com o intuito de preservarem a privacidade de seu próprio lar, característica da modernidade. Ou ainda vão para a cidade e tornam mais fácil o caminho daqueles mais jovens que seguirão os mesmos passos. O retorno vai depender do “ritmo de desenvolvimento local e das alternativas que surgirem” (CARNEIRO, 1998; p.70).

Carneiro (1998) ainda destaca que,

(...) quando se considera a atual possibilidade de uma redefinição de identidades deve-se atentar para uma dinâmica que inclui uma diversidade de sistemas simbólicos coexistentes e nem sempre concorrentes. Devido a concomitância dos valores locais com os valores da cidade, há uma reelaboração do sistema de valores local. O jovens são atores dessa reconstrução cultural a partir de uma releitura dos valores urbanos, onde papéis sociais são redefinidos e projetos são formulados sob novos paradigmas, partindo-se de uma ruptura (parcial) com os velhos moldes adotados tradicionalmente pela sociedade local. (...) As identidades no meio rural não são mais sustentadas exclusivamente na atividade agrícola. A terra, deixando

de ser meio de produção para se transformar em um bem de consumo, passa a ocupar outro lugar nas preocupações e nos projetos da juventude rural de origem agrícola (CARNEIRO, 1998: p. 72).

Se a juventude rural cria projetos de vida, uma outra abordagem para esse tema é o estudo das aspirações dos pais com relação ao futuro de seus filhos. Num trabalho já clássico sobre agricultura familiar³, um capítulo é dedicado aos projetos que os agricultores acalentam para seus filhos, aspecto que mais interessa a essa pesquisa e que, segundo Stanek indicaria “a situação global da sociedade na qual vivem [esses agricultores], assim como sua visão das perspectivas do estabelecimento agrícola e do futuro das coletividades onde moram”(LAMARCHE, 1993: 119). O autor constatou que “o universo dos possíveis inspira, na maior parte dos casos, objetivos realistas e impõe limites às aspirações de ascensão social” (p. 120) e ainda que “existe sempre uma distância entre o plano das preferências e o da realidade” (p. 125).

O autor traz ainda uma discussão sobre as questões de sucessão e a autoridade do pai na hierarquia familiar, enfocando o papel desse chefe na tomada de decisões sobre os destinos da família. Ao lado disso, os filhos podem, muitas vezes se encontrarem “amarrados” aos estabelecimentos agrícolas, “seja porque suas famílias não podem lhes proporcionar a educação adequada a seus projetos, seja simplesmente porque não há empregos não agrícolas que eles possam ocupar” (p. 132), ou ainda pela impossibilidade do pai em continuar o trabalho, tendo o filho que assumir a responsabilidade de tocar a propriedade. Há outros casos, porém, onde existe êxodo importante, no qual os pais aparecem estimulando a “fuga”, vendo nesta saída a solução às dificuldades da dinâmica produtiva que a agricultura familiar enfrenta no atual período.

A pesquisa realizada em Presidente Venceslau revelou que um dos motivos que fazem os jovens sair do Assentamento é a falta de perspectiva de melhoria de vida e a busca de alternativas. No que se refere a este fato, Castro (2005) salienta que,

Nos discursos dos adultos, o estudo é associado a percepções que representam mobilidade social, onde a sua própria condição de trabalhador do meio rural aparece em posição de inferioridade. Isto é, aciona-se imagens e construções do “homem do campo” associado à “atraso”, falta de opção,

³ O livro “A agricultura familiar: comparação internacional” é fruto de um levantamento de dados sobre aspectos que envolvem a agricultura familiar em suas diferentes dimensões. Foi uma pesquisa desenvolvida no final da década de 1980 e teve como base de estudos algumas regiões de cinco países: França, Canadá, Polônia, Tunísia e Brasil (cf. Lamarche, 1995).

falta de escolha, opção para quem não é inteligente. A partir da definição classe object em Bourdieu (1977), pode-se afirmar que essa seria a reprodução de uma construção dominante no universo urbano (p. 19-20).

No caso estudado percebeu-se, não só uma intensa circulação dos “jovens” em função do trabalho externo e da escola, como também estratégias da família para reorganizar o trabalho familiar para tornar isso possível. O trabalho urbano é valorizado pela renda, pois é difícil o retorno financeiro da produção no assentamento. O estudo está mais associado a imagens de mobilidade social. Mas entre estudar e trabalhar na cidade é este último aspecto que pode marcar “uma ruptura temporária ou definitiva”, já que o estudo não impede o trabalho familiar (CASTRO, 2005).

A juventude, como segmento estratégico nesse possível projeto, convive com a uma situação indefinida, sair ou ficar. O reconhecimento da conquista da terra, empreendida pelos pais, entrelaça-se com o que falta de perspectivas concretas de trabalho e renda no lote; o ideal urbano se mistura com a realidade de estigma, experimentado desde a experiência escolar vivida na cidade.

A descrição dos “sonhos” dos filhos dos assentados, em alguns casos, parece apontar para um desejo de ruptura, no futuro, com o lote e com o assentamento. Já o seu trabalho externo pode promover uma ruptura de fato. Ainda assim alguns “jovens”, principalmente rapazes aproximam o “sonho” “de fora” com o desejo de permanecer no lote (CASTRO, 2005; p. 24).

Castro (2005) destaca, contudo, que a “saída” dos “jovens” do assentamento nem sempre é definitiva, na maioria dos casos se verifica uma permanência dos laços. “Apesar de se perceber a posição que os “jovens” ocupam neste espaço, o próprio dilema ‘ficar e sair’ nos remete à análise de ‘jovem rural’ como uma categoria social pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo” (p. 28).

A autora salienta também, que há quase um abismo

[...] entre o “futuro sonhado” e a realidade vivida. Esses “jovens” tendem a manter, buscar ou só conseguir a inserção em trabalhos externos ao lote que não demandem uma qualificação específica ou formal. Mas para além das limitações impostas pelo contexto econômico e social em que vivem, esses muitos “sonhos” descortinam a complexidade do “perfil” dos “jovens”. A multiplicidade de interesses não caminha em uma única direção, ao contrário, ora se aproximam, ora se distanciam do “mundo rural”, apresentando diferentes formas de rupturas e continuidades. Trazem, mais no discurso do que na prática, construções diferentes sobre a relação entre mundo urbano e

rural, ou mais precisamente, carreiras consideradas urbanas e os valores fruto da socialização nesse meio rural. Não se observa a ênfase no tensionamento “ficar e sair”. A vivência pela circulação e socialização em espaços considerados urbanos e rurais aparecem como o somatório de possibilidades e “sonhos” no campo do desejo, ainda que a realidade possa construir outros caminhos (p. 24-25).

Para os jovens assentados, notadamente aqueles distantes da ação do MST (a maioria, diga-se de passagem), a busca por constituir projetos coletivos encontra-se bloqueada. Individualmente, no entanto, mas sem abandonar a possibilidade de ação coletiva, esses sujeitos revelam grande mobilidade e um potencial enorme de transformar a Reforma Agrária, ao transformar suas próprias vidas,

(...) Conflitos entre os sonhos e a realidade vividos por esses “jovens” e o paradoxo “ficar e sair” do discurso dos pais são expressões de processos de mudanças que operam tanto no sentido amplo – nas relações econômicas e sociais que envolvem o mundo agrário brasileiro, e naquela região específica – quanto em uma maior atuação do indivíduo, principalmente dos chamados “jovens”, nas relações em família, na comunidade e nos universos rurais e urbanos. No entanto, essa percepção não deve ser lida como um processo de “individualização inerente à modernização” – como em Beck, 1992 (apud Jentch e Bunett, 2000). Ao contrário, as mudanças apontadas tanto no discurso, quanto nas práticas que envolvem pais e filhos, “jovens” e “velhos”, em Eldorado e nas demais áreas estudadas, estão ancoradas em antigas e novas redes sociais. E as “escolhas” que procuram equacionar os desejos e as inserções no mundo real, não estão apartadas desse “tempo social”, dos processos históricos que convergiram para a atual situação vivida por esses “jovens”. Neste sentido, a própria categoria “jovem” é construída e acionada, nessa e a partir dessa realidade, que muda constantemente, mas que mantém laços de continuidade, expressas, por exemplo, nas relações familiares e nas atitudes com a terra (CASTRO, 2005; p. 30).

Por fim,

a “cobrança” da permanência e continuidade dos “jovens” no campo como valorização e possível reversão do quadro de esvaziamento do meio rural – recorrente em algumas pesquisas recentes sobre o tema, e no âmbito das políticas públicas – deve problematizar esse olhar que percebe no “jovem” o ator heróico da transformação social (CASTRO, 2005, p. 34).

A juventude rural nos P.A.s de Presidente Venceslau/SP

O dilema “sair” ou “ficar” experimentado pelos jovens do PA Primavera, revela mais o ser/estar (condicional) de uma fase da vida, a juventude, do que uma pré-definição que expressaria apenas uma identidade relacionada ao espaço vivido desses sujeitos. O rural já não é mais o rural enquanto conceito ou definição primeiras. O espaço, enquanto categoria, de tanto ser preenchida historicamente, tornou-se a própria história (MOREIRA, 1999). Quando se fala nesse espaço (assentamento Primavera) se fala, portanto, da história da Reforma Agrária, da luta, da conquista da terra e o não reconhecimento pelos seus jovens, sem perfil militante ou assistências quaisquer.

A esses jovens está colocada uma nova realidade: a aproximação, em ritmo estonteante, entre campo e cidade que faz com que o elaborar de projetos para o futuro pareça mais que necessário e atormentante, embora, alguns deles, acreditem não ter muitas alternativas. A passagem de um relato, de um garoto (Miguel, 16 anos, 2ª série Ensino Médio), expressa esse aspecto. Quando respondendo sobre suas perspectivas, diz: “depois de terminar o estudo não ‘vira’ mais ficar no assentamento”. O que se há de fazer? É uma pergunta ainda sem resposta.

A falta de qualificação é um dos aspectos que fazem com que futuro incerto para alguns jovens, do PA Primavera, signifique buscar outros espaços, diferentes e alheios, o que, em alguns casos, significa mais tarde, o retorno à casa, mesmo que seja até encontrar um outro emprego. “Muitos jovens que se formaram o ano passado já foram embora”. Foi a resposta do mesmo garoto, quando perguntei-lhe sobre Samirão, outro jovem do assentamento que (assim como outros) tinha ido para a cidade, mas acabou voltando e estava trabalhando no assentamento.

Faz-se necessário resgatar a história desse garoto, pois essa revela elementos importantes para a compreensão do processo de ressocialização dessa população, e das mudanças colocadas aos jovens rurais como uma escolha: ir ou não para a cidade.

O jovem de 19 anos (Samirão) está cursando o 3º Colegial na EE Antonio Marinho de Carvalho Filho. No Assentamento mora com a mãe e irmãos (primos considerados irmãos e um irmão realmente). No seu lote é produzido um tipo de ração específica para o gado. O que me pareceu bastante interessante foi o fato de sua família ter três casas alugadas na cidade e a mãe ter comprado mais uma, com a renda da venda de metade de seu lote a um de seus filhos, e ter pretensões de morar na cidade. Perguntei como foi a adaptação ao Assentamento e ele me respondeu que foi muito difícil. Veio da cidade da Presidente Epitácio, onde um dos irmãos ainda residem. Destacou como uma

das maiores dificuldades encontrada ao morar no assentamento é o isolamento dos colegas deixados na cidade, mas que com o passar do tempo e a construção de laços de amizade no Assentamento fizeram com que este sentimento se esvaísse um pouco. O fato de seu irmão morar na cidade de Presidente Epitácio, assim como de muitas outras famílias conhecidas, faz como aumente a intensidade de usos dos serviços e equipamentos que são oferecidos na cidade. O que se prova pelo próprio depoimento do garoto que no dia seguinte iria para a cidade do irmão assistir a um show. Saindo da escola indo para o show e depois posaria na casa do irmão retornando para casa (PA Primavera) só no dia seguinte. “Samirão” não pretende sair do assentamento, gostaria mesmo de continuar lá e desenvolver seu lote implantando horta a partir de irrigação “que nem na Denise” (um dos lotes, assim como o da Vera, tidos como modelo para os outros assentados, fato que já havia percebido a partir da fala do Seu Luis em outro trabalho de campo). Aproveitei a oportunidade para perguntar o que os jovens do assentamento faziam para se divertir nos finais de semana? O jovem respondeu que de vez em quando jogavam bola ou visitavam amigos e “assavam uma carniinha”, mas nada, além disso, segundo ele “não tem nada a mais para se fazer no assentamento” (Diário de Campo, junho 2005).

O cotidiano de Miguel, outro jovem entrevistado, não difere da vida de Samirão e muitos outros garotos da mesma idade. Todos os dias, como ajuda do irmão, Michel, tira o leite. Não existem feriados ou finais de semanas de folga. Sua diversão quando não vai a escola é praticar montaria em boi. Prática que aponta para o lazer como atividade, incluída no cotidiano do trato com o gado. A experiência do “lazer” se confunde com o trabalho no lote. Uma passagem do Diário de Campo (2006) demonstra esse aspecto:

Num Domingo, alguns garotos pegaram sete bezerros de um vizinho, para praticar a montaria. No caminho alguns deles atolaram, por conta das fortes chuvas que têm castigado as estradas, outros, ainda, não seguiram e quando conseguiram chegar a casa dos amigos Thiego e Thiago - onde têm um espaço adequado para essa atividade - já era noite caída, o jeito foi seguir para casa e no dia seguinte levar os bois de volta. (Diário de Campo, 2006).

No imaginário dos jovens agentes da pesquisa, a cidade é um lugar de “conforto” e que desperta encantamentos, uma ruptura com a paisagem monótona do assentamento, expressando uma relação direta com as mudanças na cidade. As mudanças no campo são, comparativamente, mais lentas. A cidade precisa manter todos os equipamentos funcionando de forma que não se interrompa o fluxo de pessoas, mercadorias e capitais. Diferentemente da situação de abandono dos assentamentos. A interdição das estradas devido às

fortes chuvas, por exemplo, motivo de mobilização constante da população do PA Primavera, não é encarado pelo poder público municipal motivo de preocupação urgente - fato que se comprova pela demora na solução do problema, que arrasta desde 2003.

No PA Primavera tem-se instalada apenas uma escola de Ensino Infantil e Fundamental, EMEFEI “Dalva Ferreira Melo”. Após a conclusão desse ciclo, a continuação dos estudos significa uma mudança drástica de ambiente, pois os alunos vão para uma escola da cidade (EE Antônio Marinho). Num registro de trabalho de campo, uma garotinha de 10 anos disse que gostava muito de estudar na cidade principalmente por andar de ônibus, assim como para outro, da mesma idade, ficar sentado em um banco de ônibus quatro horas por dia (tempo gasto com o trajeto de ir e voltar da escola) não parece ser um problema. Esses jovens, embora não sejam da faixa etária/objeto de estudo, revelam a construção do imaginário do mundo juvenil rural no momento (5ª. Série do Ensino Fundamental) em que se inicia, de uma forma impactante, a construção de um tipo de relação com a cidade e com o urbano.

Um elemento importantíssimo para a pesquisa é a trajetória das famílias e dos jovens do Assentamento. Isso porque a implantação do PA Primavera não se encontra muito distante no tempo. O que significa dizer que os jovens entre 15 e 27 anos do Assentamento passaram por um processo de forte ressocialização. Alguns vinham de experiências no campo, outros na cidade. Enfim, “carregam” uma bagagem que revela as contradições e as diferenças de projetos realizados pelos trabalhadores rurais. A esse respeito coloca-se uma passagem do diário de campo que tenta traçar a história de vida de um garoto, suas experiências e direcionamentos futuros:

***Fabício** (17 anos. 2ª série do Ensino Médio). Mora com o pai, mãe e outros irmãos. A família possui uma casa em Presidente Epitácio, onde morou por algum tempo. Contou-me sua experiência de morar sozinho no Assentamento e tocar o gado quando seus pais trabalhavam na cidade e retornavam somente aos sábados para o lote. O garoto tem planos de mudar para Epitácio no meio desse ano, arrumar um trabalho terminar os estudos e fazer faculdade de Desenho industrial. Vai passar o carnaval em Epitácio, perguntei se iria com a família disse-me: “vou sozinho, lá eu encontro os amigos” (Diário de Campo, 2006).*

O próprio PA Primavera têm em sua história de estruturação uma relação de intensificação da dependência com a cidade, são aproximadamente 20 km que separam os espaços. O plantio de pequenas lavouras e horta não são atividades recorrentes nos lotes dessas famílias. A cidade fornece praticamente todos os produtos consumidos pelas famílias. A compra de mantimentos é

realizada uma vez ao mês e é um evento que mobiliza a família inteira (Diário de Campo, 2006).

Entre aqueles que desejam “ficar” no Assentamento, tem-se Thiago, 17 anos. 3ª série do Ensino Médio, importante agente da pesquisa, que reside com o pai, mãe e irmão. O lote da família é tido como modelo para os outros assentados. É o segundo ano que produzem, no lote, pepinos que têm como destino o Mc Donald's. Além da horta, que fornece verduras para o assentamento e para a cidade.

Transcreve-se, abaixo, passagens de alguns relatos de Thiago, contidos no Diário de Campo da pesquisa.

Perguntei o que Thiago iria fazer depois que se formasse e disse-me que nada. Márcia (sua namorada), muito falante, revelou que a mãe do jovem gostaria que ele fizesse algum curso, mas que ele não queria. Sobre “ficar” ou sair, disse-me: “Depende”, e em tom de brincadeira completou: “se for para criar gado”? Ele e Márcia, confirmando o “esvaziamento” do assentamento, ainda brincaram que Thiago poderia comprar outro lotes e “tudo viraria fazenda de novo”(…) “Vixi, aí eu ia para cidade só pra passear no shopping”, diz Thiago. Depois ainda conversaram sobre as famílias que possivelmente sairiam do assentamento. Seu ‘sonho’ não pareceu muito realizável, seu vizinhos estavam na lista daqueles que não deixariam o assentamento. Teria que se contentar com os 20 hectares do lote da mãe e do pai a ser dividido com o irmão mais novo (Diário de Campo, 2006).

Nessa passagem aparecem algumas das principais questões levantadas pela pesquisa entre elas: sucessão, lazer e trabalho. Thiago, jovem forte, é responsável junto com a mãe pelo lote da família. O pai trabalha em uma fazenda não muito próxima ao Assentamento, retornando para casa apenas nos finais de semana. O garoto tinha um cronograma semanal de atividades que não poderiam deixar de serem realizadas diariamente. O irmão mais novo, embora seja reconhecido como um jovem do campo, parece não ter, ou não querer ter, a mesmas responsabilidades do irmão. Em trabalho de campo, foi registrado um episódio revelador desta relação intra-familiar. Thiago foi para a cidade montando à cavalo ficando lá dois ou três dias, sem se preocupar com o irmão que teria que fazer todas as tarefas divididas entre eles. Nesse núcleo familiar, parece já se ter desenhado como se dará a sucessão familiar do lote e a participação individual de cada membro neste processo. Um aspecto deve ser ressaltado, estes irmãos são de uma família “bem sucedida” do Assentamento, tendo mais facilidade, inclusive, de transitar entre os espaços diversos da cidade - o que poderia explicar o aparecimento do shopping enquanto um importante espaço, já vivido e a ser vivido pelo jovem.

O irmão de Thiago não parece estar preocupado como isso. A questão da sucessão aparece para ele como um impedimento a um “sair”, possível desejo do jovem, já de antemão brecado. Em trabalho de campo, Márcia revelou que Thiago sentia uma espécie de favorecimento da mãe em relação ao seu irmão, que não trabalha mas terá direito ao assentamento.

A passagem permite discutir as aspirações dos pais em relação ao futuro de seus filhos. Denise, mãe de Thiago gostaria que seus filhos continuassem estudando, senão fazendo uma faculdade quem sabe alguns cursos que os qualificariam para o mercado de trabalho - preocupação natural em meio a uma crise já percebida (*O que será desse assentamento daqui 25 anos*, pergunta Denise).

A aparente “crise” se dá, no entanto, muito mais por uma percepção de “esvaziamento” que apontaria para uma reorganização dos espaços e das redes de sociabilidade. A mobilidade é algo que parece estar presente na realidade dos assentamentos rurais de Presidente Venceslau. O que é revelado, em um relato da coordenadora da escola do PA Primavera ao caracterizar as famílias, dos assentamentos em que deu aula, de “nômades”, o que segundo ela extrapolaria o espaço limite entre o assentamento e o que compreende o rural como todo.

O shopping, a realidade da “vida de vaqueiro” de “gados magros” em “terra de nelore mocho”, trazem questões sobre a nova realidade do rural das últimas décadas e a modernidade trazida pelo avanço do capitalismo no campo, que continuam apontando para as indicações de José de Souza Martins em “O cativo da Terra”. Os assentamentos, são realmente “realidades díspares, “combinantes” ou que se “sobrepoem” aos diversos espaços rurais? E como pensar a ressocialização em espaços “novos”, como os assentamentos?

A realidade na cidade, aparentemente o lugar do “conforto”, se revela, no entanto, tão dura quanto no assentamento. Não esqueçamos da própria condição e instituições sociais que, estão aí, colocadas. O problema de Marcelo (outro jovem estudado), não era somente a falta de perspectiva de promoção social, trabalho ou estudo, mas, sobretudo, a vida amorosa. Estava sentindo-se velho e preocupado em não conseguir se casar. Morou em Dourados (MS), trabalhando numa fábrica. A frustração profissional veio junto com a amorosa, segundo sua irmã (Márcia, tornada importante informante). Nnum relato colhido em trabalho de campo ela diz: “*o serviço era muito e o dinheiro pouco*”, o que o fez procurar emprego numa gráfica que, mas tarde fecharia, forçando o jovem a voltar para a casa dos pais até que conseguisse um outro trabalho. O ex-marido de Márcia arrumou um emprego para ele num criatório de peixe em outro município. Márcia destacou ainda um aspecto da vida de Marcelo, a religião. Segundo ela, o irmão havia mudado muito “*depois que entrou para a Congregação*”, uma esperança de encontrar uma companheira.

A preocupação com o casamento é mais forte nas mulheres jovens, mas, como observado acima, está na cabeça dos garotos também. Como registrado em Diário de Campo:

Anderson, garoto de 19 anos, parou de estudar na 5ª série. [...] disse que só voltaria a estudar se fosse para fazer supletivo. O que é impossível morando e trabalhando na fazenda, já que a escola do PA Primavera não oferece esse curso, teria que ir a cidade, mas não há transporte no período noturno. A impressão que tive de nossa conversa é que Anderson está querendo se casar. E como o relato de Jenefer dava pistas namorar e casar-se também é uma prática lazer. O que as pessoas fazem nos finais de semanas? Aqueles que estudam ajudam os pais no lote e visitam a namorada. Os que não estudam, trabalham durante toda a semana e nos finais de semana também visitam as namoradas e noivas ou ainda cuidam da casa e da família (Diário de Campo da pesquisa, 2006).

Márcia também deixa isso bastante evidente. As coisas não mudam muito. O que muda é quem está namorando quem. Quem se separou, quem está traindo quem. Essa realidade faz-se, porém, mais freqüente entre as jovens mulheres do assentamento. Empregos? Apenas esporádicos de diarista em um casa ou plantação/colheita de algodão. Para esse gênero, a trama social se dá diretamente pela concepção católica e machista de família. A própria Márcia sofre com o fato de ter, segundo ela, “errado” no passado engravidando sem antes casar-se. Junta-se a isso os canais de comunicação estabelecidos entre os jovens, que fazem com que todos saibam de tudo o que acontece no universo particular de cada família.

O “lazer” para os rapazes se encontra no seu próprio universo de trabalho. Não havendo como não se pensar na divisão sexual do trabalho nos assentamentos rurais. Em último trabalho de campo registrou-se a prática da montaria em bezerros como atual atividade de “lazer”.

Anderson disse que “[...] ele assim como outros jovens do assentamento estavam praticando montaria, e que sua intenção era concorrer em rodeios e que já tinha planos de se inscrever em um que está para acontecer entre os próximos meses” (Diário de Campo da pesquisa, 2006).

O “evento” da montaria se revela como um aglutinador de pessoas. Vão no improvisado “rodeio” não só os jovens, mas suas famílias. Um registro do Diário de Campo descreve bem essa situação:

[...] Depois de terminado o trabalho Thiego e Michel foram buscar os bois no vizinho. Apareceram por lá Dora, seus filhos e o marido, Dionísio e alguns filhos (incluindo aqueles que montam) e jovens que estão sempre por lá: Anderson e seu irmão, Fernando e Lucas (estão trabalhando para Denise) e outros. Logo caiu a noite e os garotos improvisaram lâmpadas e começaram [...]

Dora fez um comentário bastante interessante disse para Márcia o que mais os garotos iriam inventar. Antes era laçaria, andavam laçando. Agora era montar em boi. Fiquei pensando sobre isso. Na ausência do fazer algo diferente do que já se faz-se o de costume com outro objetivo é mover a história junto com o tempo (Diário de Campo da pesquisa, 2006).

Considerações Finais

Os trabalhos de campo mostraram que a imagem da cidade recriada pelos jovens corresponde à própria definição dicotômica do que venha a ser o conceito de campo e cidade, ou seja, a cidade contraposta ao assentamento. A cidade oferece possibilidades não encontradas no assentamento: fazer com o tempo livre o que a criatividade individual quiser e a estrutura urbana possa oferecer.

Na cidade, o jovem supõe encontrar oportunidades para o desenvolvimento de seu potencial. No entanto, registra-se junto com a saída, o retorno dessa juventude para o assentamento. A situação dos adolescentes do PA Primavera que vão estudar na cidade dá pistas para a compreensão deste intrincado processo. A pesquisa registrou forte estigma com a população estudantil oriunda dos assentamentos. Na fala de professores e dirigentes escolares o adolescente assentado (ou “sem-terra”, nas palavras desses agentes) é protagonista de vícios e situações de subalternidade, coisas que se mostraram muito mais parte de um discurso ideológico contrário à Reforma Agrária, que uma situação empírica recorrente.

Abordando os aspectos culturais, a falta de lazer é uma realidade e um aspecto negativo. O trabalho de campo realizado no feriado do carnaval revelou as incongruências e as necessidades de intervenções no sentido de dotar o Assentamento de equipamentos que de fato tragam novas possibilidades de lazer para a população assentada e, sobretudo, aos jovens. O carnaval não pareceu algo esperado ou que despertasse necessidades especiais de fruição para a maioria dos jovens. Há trabalho que precisa ser feito todos os dias - tirar leite, por exemplo - e não existem feriados ou finais de semanas de folga quando o ciclo agropecuário está no pico.

O lazer, por sua vez, é experimentado de outra forma. Na maioria das vezes, fica por conta da criatividade dos jovens. A atividade atual praticada pelos jovens, do sexo masculino é a montaria em bois. Esse lazer revela a

necessidade de uma discussão de gênero, pois as mulheres encontram-se excluídas desse processo.

A escola tem passado por momentos difíceis no PA Primavera. Houve um grande esvaziamento, há poucos alunos, falta merenda e funcionários. A situação tem levado a que o Poder Municipal, com a assessoria da UNESP, projete uma mudança de uso para as instalações escolares. Será mantida a escola fundamental, mas propõe-se a criação de um centro cultural, que inclua toda a comunidade (especialmente os jovens).

A elaboração de projetos com vistas à integração da comunidade aos processos educacionais realizados na escola se faz urgente. Isso porque entendemos que a gestão da escola por parte da comunidade – única conhecedora das demandas reais – seja, senão o único, o melhor caminho para a efetivação da escola EMEFEI Dalva Ferreira Melo enquanto centro aglutinador das relações sócio-espaciais, e mais, para que sua estrutura gigantesca, que poderia atender de várias formas os moradores, não seja comparada ao mito do elefante branco.

O esvaziamento da escola, a partir da omissão governamental, reflete na postura que a comunidade, infelizmente, tem assumido. Assim a juventude tem deixado o espaço escolar – esvaziando também o curso de Agricultura familiar, em desenvolvimento no assentamento. A possibilidade de aglutinação desse segmento, via estabelecimento escolar, atualmente não existe, pois nem o poder público (Prefeitura), nem as lideranças da comunidade (no geral pouco ativas), investem nesse caminho. A atuação da UNESP, num projeto a ser implementado futuramente pode vir a ser um elemento diferencial nesse contexto pouco estimulante.

Referências

CARNEIRO, Maria José. O Ideal Rurbano: Campo e Cidade no Imaginário de Jovens Rurais. In.: TEIXIERA DA SILVA, F. C.; SANTOS, COSTA, L. F. C. Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campos, 1998.

FERNANDES, B. M. MST: Formação e Territorialização. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERRANTE, V. L. S. B.; WHITAKER, D. C. A.; BARONE, L. A. Poder Local e Assentamentos Rurais: expressões de conflito, de acomodação e de resistência (Projeto de Auxílio Integrado – CNPq. Araraquara/Presidente Prudente: UNIARA/FCL-UNESP/FCT-UNESP, 2004.

LAMARCHE, H. (org.) Agricultura Familiar (Vols. I e II). Campinas, EdUnicamp, 1995-1997.

LEITE, J. F. A Ocupação do Pontal do Paranapanema. São Paulo: Hucitec, 1998.

MACHADO, V. Estudante em Assentamentos de Terras: um estudo de aspirações por educação. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UNESP/FCL/Araraquara, 1999.

MOREIRA, Ruy. O paradigma e a ordem (genealogia e metamorfoses do espaço capitalista). In.: Ciência Geográfica. V. (13). Bauru, 1999.

CASTRO, E. G. O paradoxo 'ficar' e 'sair': caminhos para o debate sobre juventude rural. In: FERRANTE, V. L. S. B. e ALY Jr., O. Impasses e Dilemas da Política de Assentamentos (balanço de 20 anos). Araraquara/São Paulo, Uniara/Incrá, 2005.